

JOANA ANGÉLICA
SAINDO DOS PAPÉIS À BEATIFICAÇÃO

Antônia da Silva Santos (UFBA)
antonili20032003@yahoo.com.br

1. Introdução

Em face às discussões sobre a vida monacal feminina, realçara-se a figura de Joana Angélica de Jesus, vítima do seu dever, mártir de sua fé (Cf. PEIXOTO, 1947). Sórora Joana Angélica de Jesus já fazia parte da história do Brasil e da Bahia e, tudo recomeçou, a partir da busca de documentos que comprovassem as mudanças linguísticas apresentadas por Fernando Tarallo. A procura de textos inéditos conduziu a um levantamento dos documentos dos séculos XVIII e XIX relativos às religiosas do Convento da Lapa-Ba. O Convento Nossa Senhora da Conceição, situado no bairro de Brotas, atualmente, solicitou a inclusão da pesquisa de documentos comprobatórios do martírio da Madre Joana Angélica¹, para que se tornasse possível o processo canônico da beatificação da citada freira (Cf. SANTOS, 2001a).

As visitas aos diversos arquivos foram traçadas e, seguindo um roteiro de viagem, de acordo com os resultados, outras visitas passaram a ser delimitadas. Naquela ocasião, foram visitados arquivos da Cidade do Salvador: Arquivo Público do Estado da Bahia, Mosteiro de São Bento, Convento de Nossa Senhora da Piedade, Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, Biblioteca Central do Estado e Arquivo da Cúria Metropolitana, revelando a necessidade do aprofundamento e ampliação da pesquisa (*Idem*). Aquela inclusão resultou na visitação de outros arquivos, a seguir: Arquivo de Documentação e Iconografia, Museu Paulista, Arquivo do Mosteiro da Luz, e Arquivo da Cúria Metropolitana em São Paulo, Biblioteca Nacional, Museu Histórico Nacional e Mosteiro Nossa Senhora da Ajuda, no Rio de Janeiro, Biblioteca do Senado, Biblioteca do Ministério da Justiça, Biblioteca Nacional e Arquivo Nacional, em Brasília (Cf. SANTOS, 2001a). Foram visitados, também, os arquivos da Torre do Tombo, do Centro Cultural de Belém, Biblioteca Nacional, em Lisboa e a Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (Cf. SANTOS, 2001a).

¹ Declaração assinada pela Madre superiora do Convento de Nossa Senhora da Conceição, Madre Maria Joana Angélica, em Brotas, ao Cardeal Dom Geraldo Majella, em 10 de abril de 2001.

Toda essa caminhada nos levou ao encontro com os papéis, instrumentos primordiais na elucidação e levantamento de questionamentos e ideias, o que garantiu a chegada à proposição oficial da abertura do processo canônico da beatificação da Madre Joana Angélica de Jesus (Cf. POSSE, 2011).

2. *Comportamento das mulheres religiosas*

O comportamento das religiosas e recolhidas do Convento da Lapa não se distanciava do modelo que acompanhava as mulheres da sociedade dos primeiros séculos de nossa sociedade, isto é, havia submissão e o modelo patriarcal. As mulheres escolhiam o celibato através da vida de beata e de recolhida, para alcançarem a liberdade. Vale lembrar que os recolhimentos foram criados com uma imagem de um lugar de confinamento para mulheres casadas ou solteiras de má fama, ou ainda, enclausuradas pelos pais e maridos durante suas viagens ou como punição dada pelo desvio de sua conduta, dada a opinião de seus pais ou maridos (Cf. SANTOS, 2004b).

Considerados os valores dados às monjas concepcionistas, é enfatizada a organização hierárquica como fator determinante naquele universo feminino, predominantemente marcado pelo rigor, o que foi confirmado pela ordem da assinatura e pelo envio de correspondências às autoridades externas (SANTOS, 2004c).

Acompanhando a importância do texto, instrumento primordial ao enfoque das mulheres com ou sem tensões, com contradições estabelecidas entre elas e seu tempo, entre elas e a sociedade em que estavam inseridas, seja no domínio público ou privado, em todos os recônditos de sua existência, seja material ou espiritual (Cf. DEL PRIORE, 1993), a barreira invisível, resistente e primordial, que moldava os relacionamentos, o sistema de recompensas e os jogos de informação e poder caracterizadores da estrutura de organizações era o comportamento masculino (Cf. CARREIRA, 2001). As mulheres religiosas e habitantes do Convento da Lapa, também seguiam o modelo patriarcal e as normas e leis principais são válidas para todos os mosteiros do mundo inteiro, os quais somam mais de cento e setenta.

Ao recolher-se do mundo e ao dedicar-se a diversos sacrifícios, as freiras concepcionistas atendiam aos votos de obediência, pobreza e castidade, buscando a aproximação e compreensão da Verdade. Daí, as dife-

rentes possibilidades de reflexão sobre a atitude humana, referindo-se à Madre Joana Angélica, já que se trata de um texto em potencial e permite-se a compreensão de um contexto dialógico da própria época, como posição semântica e como mistura de motivos (Cf. SANTOS, 2009).

A Madre Joana Angélica passou a ser projetada na filologia e na linguística, a partir das pesquisas de Santos (2000), que optou por defender, em sua dissertação, uma edição semidiplomática dos documentos relativos às religiosas do Convento de Nossa Senhora da Conceição da Lapa – BA, apresentando quarenta e um documentos, dentre os quais, dezesseis escritos e/ou assinados pela citada freira. Também foram selecionadas abreviaturas inéditas.¹

Todo esse percurso garantiu uma nova dimensão, a partir de quando, com o pensamento, pode ser estabelecida uma ruptura na rede de desejos, necessidades e submissões, ao mesmo tempo em que se acredita na relação da exclusão da voz ou audição da própria autoridade, revelada numa postura meditativa, numa vida de silêncio que, hoje, transpõe a figura de Joana Angélica a um novo olhar (*Idem*).

Se Joana Angélica era conhecida como a freira que morreu no Convento da Lapa e passou a fazer parte da História da Bahia, alguns historiadores refazem a sua imagem, destacando não só a sua participação com o testemunho de sacrifício da sua própria vida, mas também, a sua caracterização de mártir da fé (NECO, 2002). Se, ao associar o conceito de documento ao de arquivo, surge o conceito de memória, considerado neste trabalho como memória de papel, revive-se a noção de narrações e declarações representadas pelo pensamento de uma época, relacionando o que foi dito ao mais próximo do real (Cf. SANTOS, 2009, p. 221-222). Não foi encontrado por Santos (2000-2011), qualquer documento que comprovasse a frase tão propagada, supostamente dita pela Sórora Joana Angélica.²

¹ As abreviaturas foram classificadas obedecendo a Flexor (1991) e Rocca (1984). (Cf. SANTOS, 2004a)

² A frase é "Para trás, bandidos! Respeitai a casa de Deus! Só entrarão passando por cima do meu cadáver!", a qual é encontrada em diversos livros de história da Bahia e do Brasil.

3. *Características de uma mulher e freira: Sórora Joana Angélica*

As experiências vivenciadas nos últimos tempos conduziram à recriação de valores transformadores em traços e possibilidades inéditas das mulheres. Neste sentido, embora as mulheres ainda tenham dificuldades ao falar e expressar, sobretudo, na esfera da Igreja Católica, as características de Joana Angélica são destacadas pela força e liberdade, pela liderança e discrição, pelo rigor aliado ao poder e, sobretudo, às condições exigidas pela Igreja Católica no que se refere à santidade (Cf. SANTOS, 2011).

Revelado o desejo de instauração do processo canônico da beatificação de Joana Angélica, há de ser verificada, oficialmente, a heroicidade das suas virtudes, ressaltando a sua superioridade aos acontecimentos que geraram a defesa da fé e do Convento da Lapa. Joana Angélica abriu fendas entre o passado e o futuro, destacando sua força e liberdade, ao escolher uma vida religiosa, mesmo sendo uma filha única de um casal de vida abastada da cidade do Salvador. Também fez prevalecer o seu espírito de liderança, não só por ter desempenhado diversas funções, como discreta, conselheira e vigária, bem como por ter sido abadessa por duas vezes, no período de 1814 a 1817 e de 1820 a 1822 (Cf. SANTOS, 2011).

Não se pode deixar de abordar a *liderança* da Sórora Joana Angélica sem que seja relacionada ao exercício do poder, pois este consiste, também na capacidade de decisão sobre a vida do outro, na intervenção com fatos que obrigam, circunscrevem ou impedem. Dessa posição, domina, julga, sentenciar e perdoa. Ao fazê-lo, acumula e reproduz o poder. Neste sentido, é possível salientar a característica de *líder* da monja, a partir de quando exerceu diversas funções, sobretudo, a de abadessa, para a qual foi eleita por duas vezes. Vale lembrar que isso ocorreu num mundo patriarcal com categorias androcêntricas, pois as mulheres tornavam-se invisíveis, ou seja, “as mulheres se calariam em todas as Igrejas.” Assim, pode-se dizer que o poder era a essência do cativo da mulher e das mulheres dos cativos. Joana Angélica seguiu as regras de Benedito IX, condições precisas da *santidade*: a prudência, a força ou a grandeza d’alma, unidas à temperança e à justiça. No que se refere ao *poder*, há de se permitir a reconstrução da estrutura mental da religiosa, conectando algumas de suas ideias transmitidas, já que o poder atinge o corpo, insere em seus gestos, suas atitudes, seus discursos e aprendizagens, enfim, na sua vida diária. É lembrado que o poder era identificado como opressivo,

estressante, antidemocrático e, especialmente, algo alheio e exterior às mulheres daquela época.

A monja tecia cuidados à *discrição*, os quais disfarçavam ou eliminava as tensões e emoções, enfatizando a *pureza* do que é formal:

Senhor reverendo Pe Viagário

Hoje qdo me acho com mais sesego
escrever a v. reverendíssima para lhe
Agradecer tanta caridade.

ou a rigorosidade do que é institucional:

.....
.....
Os negócios da comunidade por tudo lhe
E fico sumamente obrigada e agradecida
Nosso Senhor é que lhe à de pagar tudo.¹

No que se refere ao processo de beatificação, a Igreja proclama:

A canonização formal, ou canonização propriamente dita, é aquela que encerra um processo regularmente aberto e conduzido com todo o rigor de um procedimento judicial severíssimo, de modo a constatar juridicamente a heroidade das virtudes praticadas por um Servo de Deus, bem como a veracidade dos milagres com que o Deus a manifestou. Esta sentença definitiva, oficialmente notificada *urbi et orbi*, é pronunciada pelo Sumo Pontífice na plenitude de seu poder apostólico, e em meio a cerimônias solenes que lhe ressaltam a importância. (ORTOLAN, 1636)

E ainda que:

A canonização equipolente é uma sentença pela qual o Sumo Pontífice ordena honrar como Santo, a Igreja Universal, um Servo de Deus para o qual não se introduziu um processo regular, mas que, desde um tempo imemorial, se acha na posse de um culto público. (*Idem, ibidem*)

4. Finalizando

O aprofundamento das pesquisas e o interesse em vivenciar as diferentes possibilidades de mobilização dos textos, livros e fatos, reportaram aos inúmeros papéis, buscando registros e memórias, incorporando lugares, emoções e ações, relacionadas na linguística, na história, na ar-

¹ A grafia confere com o original. (Cf. APEB, 1817).

te, na educação e na genealogia, o que faz acreditar que se compreende um pouco mais, a construção do desenvolvimento humano, através dos testemunhos mudos nos conjuntos de textos preservados pela história e histórias e pela memória individual ou coletiva. Daí, nessa nova fase, a proposta de confirmação da proclamação da Igreja, ao “reconhecer o poder do Espírito de santidade que está em si e sustenta a esperança dos fiéis, propondo-os como modelos e intercessores”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APEB – Arquivo Público do Estado da Bahia, maço 614, caderno 7, 1817.

CARREIRA, Denise. *Mudando o mundo: a liderança feminina no século XXI*. São Paulo: Cortez, 2001.

DAVIS, Natalie Zemon. *Histórias de perdão e seus narradores na França do século XVI*. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

DEL PRIORE, Mary. *Ao sul do corpo: condição feminina, maternidade e mentalidade no Brasil Colônia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

NECO, Marilena. Baianos querem santidade de Joana Angélica. *A Tarde*, 09 ago. 2002.

ORTOLAN, T. Canonization. In: *Dictionnaire de Théologie Catholique*, Paris: Letouzey et Ané, 1923, t. II, parte 2, col. 1636. Disponível em: <http://catecumenato.wordpress.com/2007/05/08/o-processo-de-canonicalizacao>. Acesso em 25.07.2011.

PEIXOTO, Afrânio. *Livro de Horas*. Rio de Janeiro: Liv. Agir Editora, 1947.

POSSE do novo arcebispo de Salvador – A transição. *Jornal São Salvador*, ano 6, edição 72, março, 2011, Salvador.

ROCCA, Giancarlo. *Dizionario degli Istituti de Perfezione*. Roma. Paoline, 1984.

SANTOS, Antonia da Silva. *A historicidade e espiritualidade concepcionista de Beatriz da Silva e Menezes e Joana Angélica de Jesus: algumas abordagens e alguns documentos*. In: CONGRESSO DE FILOLO-

GIA E LINGUÍSTICA, VIII, 2004a, Rio de Janeiro: UERJ. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/viiiicnlf/anais/caderno04-03.html>.

_____. *Contrastes da vida religiosa feminina: religiosas e recolhidas na Lapa*. SEMANA DE MOBILIZAÇÃO CIENTÍFICA, 7., 2004. Salvador : UCSAL, 2004b, CD ROOM.

_____. *Documentos relativos às religiosas do Convento de Nossa Senhora da Conceição da Lapa*: edição semidiplomática. Salvador: UFBA, 2004c. Dissertação de Mestrado em Letras.

_____. *Um novo olhar sobre a Madre Joana Angélica de Jesus: um percurso e sua árvore genealógica*. CICLO DE PALESTRAS INSTITUTO GENEALÓGICO DA BAHIA, 2011, no prelo.

_____. *Visões e visões sobre Joana Angélica*. SEMANA DE FILOLOGIA NA USP, II., 2007, São Paulo: USP, 2009, p. 218-228.

_____. *RELATÓRIO DE PESQUISA N. 01 – DOCUMENTOS SOBRE O CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DA LAPA-BA E MADRE JOANA ANGÉLICA DE JESUS*, abril/maio, 2001a. Salvador. Digitado.

_____. *RELATÓRIO DE PESQUISA N. 02 – DOCUMENTOS SOBRE O CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DA LAPA-BA E MADRE JOANA ANGÉLICA DE JESUS*, abril/maio, 2001b. Salvador. Digitado.